

Cadernos de
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – (57.1), Campinas, Jan./Jun. 2015

EXPLETIVOS NULOS E CONSTRUÇÕES DE TÓPICO/SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

MARY A. KATO
UNICAMP/CNPQ

RESUMO: Apesar de o Português Brasileiro (PB) estar perdendo o sujeito nulo referencial desde o século passado, o expletivo nulo vem sendo mantido (*Ø chove muito nessas florestas*), apesar de línguas como o francês e o espanhol dominicano terem desenvolvido expletivos lexicais ao lado de sujeitos pronominais referenciais. O que vem sendo notado, entretanto, é que o PB vem desenvolvendo construções pessoais com o sujeito lexical movido por alçamento (*Essas florestas chovem muito*), aos quais vimos chamando de *tópico-sujeito*. O presente trabalho descarta duas hipóteses anteriores sobre a sobrevivência das construções com expletivo nulo e defende que as duas construções devem co-existir por não constituírem formas em competição (“doublets” no sentido de Kroch (1994)), sendo a primeira uma construção tética e a segunda uma construção categórica. Estas substituem outras construções categóricas mais antigas, de redobro clítico.

ABSTRACT: Though Brazilian Portuguese has been losing its null referential subjects, its null expletive (*Ø chove muito nessas florestas*) has been maintained, though other languages that have undergone similar changes in the domain of referential null subjects have equally lost the null expletive, and developed lexical expletives (Dominican Spanish: *Ello quiere llover.*) What has been observed, however, is that BP has been developing constructions with lexical subjects resulted from raising, which we have been calling *topic-subject* constructions. The present study abandons two former hypothesis about the possible development of lexical expletives, considering that the two present constructions (one with a null expletive and the other with a topic-subject) do not constitute real competitors, since the former is a thetic structure and the latter is a categorical one. The paper also defends that the latter is a modern development of the old CLLD structure, which is also of a categorical nature.

1. INTRODUÇÃO

O Português Brasileiro (PB) vem sofrendo uma série de mudanças desde o século XIX, entre as quais, a perda do sujeito nulo referencial, a perda da inversão livre (VXS) e a perda de subida longa do clítico, o que pode ser interpretado como uma mudança de ordem paramétrica, ou mudança no valor do Parâmetro do Sujeito Nulo (Duarte 1995; Figueiredo Silva 1996; Kato 1999, entre outros).

Assim, durante todo o século XIX, os sujeitos referenciais de primeira, segunda e terceira pessoas eram preferencialmente nulos como mostra Duarte (1993, 1995), em exemplos como (1):

- (1) a. *Quando ()_i te vi pela primeira vez, ()_i não sabia que ()_j eras viúva e rica.* (1845)
 b. *()_i Falei ontem com seu tenente-coroné_i e **ele**_i disse-me que ()_i havia de vir com sinhá Dona Perpétua e com sinhá moça Rosinha.* (1882)

Já no século XX, o que temos é o sujeito preferencialmente expresso, como mostram

Duarte (1995) e Duarte & Kato (2014):

- (2) a. ***Eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.*
 b. ***Vocês** dizem isso porque **vocês** são jovens.*
 c. ***Ela** ficou solteira porque **ela** quis.*

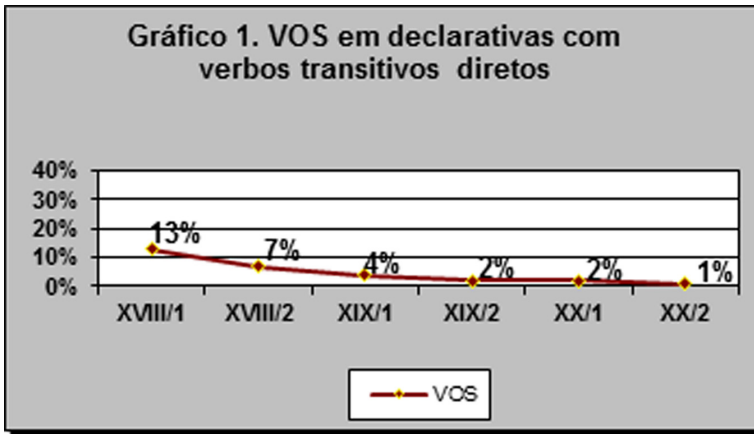
Duarte (1993) mostra que o preenchimento do sujeito pronominal é da ordem de apenas 20% na segunda metade do século XIX (80% de nulos) chegando a quase 80% no final do século XX (16% de nulos), considerando juntas as três pessoas do discurso.

Tabela 1 : Distribuição dos sujeitos de 1^a, 2^a. e 3^a, pessoas nulos (vs expressos) (Duarte (1993))

Período	1 ^a .pessoa	2 ^a . pessoa	3 ^a .pessoa
Período I 1845	50/72 69%	37/38 97%	33/40 83%
Período II 1889	50/63 79%	50/63 79%	16/24 67%
Período III 1919	54/65 83%	32/45 71%	27/41 66%
Período IV 1937	43/71 61%	10/40 25%	28/39 72%
Período V 1955	46/82 56%	6/29 21%	23/39 59%
Período VI 1975	25/79 32%	8/40 20%	16/31 52%
Período VII 1992	18/99 18%	14/63 22%	21/38 55%

Além da mudança quantitativamente significativa dessa propriedade, o que é surpreendente são as mudanças correlacionadas, tais como ordem sintática. Assim, Berlinck (1995), Kato e Tarallo (2003) e Kato et alii (2006) mostraram que o PB vem perdendo a inversão livre no mesmo período, com verbos transitivos exibindo uma perda quase categórica.

- (3) a. Moram comigo dois dos meus filhos. (século XIX)
 b. Dois dos meus filhos moram comigo. (século XX)



Outra propriedade também atribuída ao Parâmetro do Sujeito Nulo (Kayne 1989) é a subida longa do clítico, que também mostra mudança, segundo Pagotto (1993) e Cyrino (1993).

- (4) a. João não **me** tinha cumprimentado. (século XIX)
 b. João não tinha **me** cumprimentado (século XX)

Comparando as mudanças, Kato (2012) verifica que elas ocorrem paralelamente, sugerindo uma mudança de ordem paramétrica.

PB	+Sujeito Nulo	VOS	+Subida do clítico
2ª metade do século XIX	80%	13%	100%
2ª metade de XX	16%	1%	Ø%

Tabela 1: mudanças paralelas desde o século XIX

Verifica-se que , enquanto a perda com relação à subida dos clíticos é categórica e a perda da ordem VOS é quase categórica, a perda do sujeito nulo revela contextos de resistência à mudança.

Assim, comparado o PB a uma língua como o Espanhol Dominicano (ED), que vem sofrendo mudanças similares ao PB, Kato e Duarte (2014) verificaram que, em construções impessoais, aquela vem preenchendo o sujeito com um expletivo pronominal (cf. Toribio 1996), enquanto o PB mantém o expletivo nulo como um contexto de resistência.

- (5) a. *Ello quiere llover.*
 b. *Ello hay muchos mangoes in Bahia.*
 c. *Ello parece que no hay açúcar.* (Toribio 1996)
- (6) a. *Øexpl Está querendo chover.*
 b. *Øexpl Tem muitas mangas na Bahia.*
 c. *Øexpl Parece que não tem açúcar.* (Kato & Duarte 2008)

2. DUAS HIPÓTESES PRELIMINARES PARA EXPLICAR A DIFERENÇA ENTRE O ED E O PB

2.1. A hipótese da hierarquia de referencialidade na mudança linguística

Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem que a referencialidade tem uma relevância altamente translinguística na pronominalização. Por outro lado, para uma língua que tem uma opção interna para variantes nulas ou não-nulas, um fator forte para a seleção de uma forma ou outra é o estatuto referencial do antecedente.

Na hipótese das autoras, argumentos [+N, +humano] estão no extremo mais alto na hierarquia referencial, enquanto não-argumentos estão na posição mais baixa. Com relação aos pronomes, o falante (eu) e o interlocutor (você), sendo inerentemente humanos, primeira e segunda pessoas pronominais, estão no ponto mais alto na hierarquia, e o pronome de terceira pessoa que não é argumental está na posição mais baixa, com a entidade 3a pessoa [-humana] em posição intermediária. O traço [\pm específico] interage com todos esses traços:

I. Hierarquia Referencial

não-argumento	proposição	[-humano]	[+humano]
		3 p.	3 p. 2 p. 1 p.
		-espec.	+espec.

[-ref] < ----- > [+ref.]

Propõe-se, a partir dessa generalização, a seguinte hipótese:

II. Hipótese do Mapeamento Implicacional

- a. quanto mais referencial, maior a possibilidade de um pronome não-nulo;
 b. uma variante nula em um ponto específico da escala implica uma variante nula à sua esquerda, na hierarquia referencial.

Relativamente ao nosso problema de mudança, da perda do sujeito nulo no PB, parece haver efetivamente uma aplicação plausível dessa hierarquia uma vez

que a primeira e segunda pessoa são as primeiras pessoas a perderem o nulo e o elemento não-argumental (expletivo) ainda preserva o nulo, com a terceira pessoa, no meio, ainda em variação.

2.2. Inovações nas construções impessoais (segunda hipótese)

Pesquisas mais recentes, entretanto, revelam que a posição de sujeito não referencial pode aparecer foneticamente realizada. Ao contrário, porém, de desenvolver um expletivo lexical, como ocorreu no francês antigo, com o aparecimento do expletivo *il*, e como ocorre no presente, com uma variedade do espanhol da República Dominicana, que, segundo Toribio (1996), desenvolveu o expletivo “*ello*”, o PB, além de manter o expletivo nulo, lança mão de elementos pessoais para ocupar a posição de sujeito através do alçamento do locativo argumental de sentenças existenciais (7a), o alçamento do sujeito de completivas de verbos do tipo *custar*, *demorar*, etc (8b), ou ainda de um argumento interno a DP de verbos inacusativos (9c):

- (7) a. *Tem prédios lindos em Londres*
 b. **Londres_i** *tem prédios lindos [t_i].*

- (8) a. *Custou pra ele sair de casa.*
 b. **Ele_i** *custou [a t_i sair de casa].*

- (9) a. *Furou o pneu do carro/*
 b. [**O carro**]_i *furou [o pneu [t_i]]*

Kato e Duarte (2008) recuperam a hipótese de Pontes (1989) de que o PB estaria mudando de uma língua de proeminência de sujeito para uma língua de proeminência de tópico¹ e de sujeito.² As autoras justificam essa hipótese alegando que línguas de proeminência de tópico não contam com expletivos lexicais e que a satisfação do EPP nesse tipo de línguas se daria via alçamento. Com efeito, uma língua de proeminência de tópico como o japonês não conta com expletivos nulos, mas conta com construções de alçamento, marcadas com *-wa* análogas ao PB:

- (10) a. **London-wa** *utsukushii biru ga aru.*
 Londres-top bonito predio-nom tem
 b. **Kare-wa** *uti-kara deruno-ni hima-dotta.*
 ele-top casa-de sair –em tempo-levou
 c. **Kuruma-wa** *taya-ga panku-shita.*
 carro-top pneu-nom. furar-passado

¹ Esta é a nomenclatura funcionalista de Li e Thompson (1976) equivalente a “línguas de proeminência discursiva” da gerativista Kiss (1995).

² Outros autores vêm trabalhando em hipóteses semelhantes, como por exemplo Negrão (1999), e.o.

Na presente seção, procurarei defender essa proposta usando o modelo de Miyagawa (2010, 2007), conhecido como o “feature inheritance approach” (modelo de herança de traços)³.

Segundo Chomsky (2008), os traços-phi **não vêm** inseridos junto a T, mas nascem em C e percolam para T. Usando Chomsky (2005) Miyagawa propõe uma tradução formal para a tipologia de Li e Thompson (1976). Segundo ele, não só traços de concordância podem percolar de C para T, mas também traços discursivos de Top e Foco, havendo também línguas mistas que podem percolar tanto traços de concordância quanto traços discursivos (ex. Turco).

- (11) a. Cf, $\delta \rightarrow T\delta$... (discourse-prominent - e.g. Japanese)
 b. Cf, $\phi \rightarrow T\phi$... (agreement-prominent - e.g. English)

Já que o PB conta tanto com o expletivo nulo (que concorda com o verbo), como com constituintes discursivos em Spec,T, poderíamos assumir que ele é uma língua mista, como o Turco. Nas construções locativas, tanto com expletivo nulo quanto com o locativo açado, o modelo de Miyagawa funciona perfeitamente.

- (12) a. *Øexpl chove Φ muito em São Paulo.*
 b. *São Paulo chove δ muito.*
 c. *Essas florestas $\Phi\delta$ chovem muito.*

A construção com expletivo nulo em (12a) teria apenas traços- Φ i percolados para T, requerendo a inserção de um expletivo com esses traços em seu Spec. A construção de tópico-sujeito em (12b) seria uma construção em que T teria os traços de Top para ele percolados. No exemplo (12c), porém, fica claro que o tópico pode pousar onde T teve Agree percolado uma vez que o tópico no plural desencadeia concordância de plural.

- (13) a. Cf, $\delta, \phi \rightarrow T\delta, \phi$... (discourse and agreement -prominent. BP)

Vejam agora como o PE e o PB se comportam em relação a uma construção com Foco (*cf. Kato e Raposo 1996).

- (14) a. *Muitas mulheres amou o João.* PE
 b. *Muitas mulheres o João amou.* PB

Considerando que no PE o sujeito está no interior de VP e que o Foco está em Spec,T, podemos dizer que o traço discursivo de Foco percola para T, conforme previsão de Miyagawa. No PB, no entanto, o Foco (*muitas mulheres*) ocupa uma

³ Naves, Pilati e Salles (2013) procuram aplicar a proposta de Miyagawa aos dados do PB, mas concluem que ao invés de tópicos ocuparem a posição de sujeito, o Spec,TP permanece uma posição temática, enquanto tópicos ocupam a posição periférica α P.

posição na periferia, a que Miyagawa chama de αP , enquanto o que percola para T são os traços de concordância Φ , com o sujeito *João* ocupando seu Spec,T.

- (15) a. [*Muitas mulheres*] *amou* δ *o João* PE
 b. [*Muitas mulheres*] αP *o João amou* Φ PB

Comparando, portanto, o PE e o PB, verifica-se que há uma discrepância entre a percolação dos traços discursivos de tópico e de foco: O PB teria proeminência discursiva no caso do tópico, mas não quando o elemento discursivo é um Foco. O PE, por outro lado, seria uma **língua de proeminência discursiva** no caso do Foco, mas não no caso do Tópico.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1. As questões da pesquisa

Consideremos novamente os seguintes pares de sentença:

- (16) a. *Øexpl chove muito nessas florestas.* PE PB
 b. *Estas florestas chovem muito.* PB
- (17) a. *Øexpl furou o pneu do Hamilton.* PE PB
 b. *O Hamilton furou o pneu.* PB

As nossas questões:

- a) os pares em (15) e em (16) constituem “doublets” no sentido de Kroch (1994), com as construções com expletivo nulo fadadas a desaparecer, como na hipótese de Cyrino, Duarte e Kato (2000)?
- b) se as duas construções podem sobreviver por não constituírem “doublets”, como derivar as construções em b.?

3.2. Sentenças categóricas e téticas

Para responder à pergunta sobre os dois tipos de estrutura em (16) e (17) é necessário seguir a distinção entre sentenças categóricas e téticas. Para os clássicos todas as sentenças consistem de dois atos cognitivos: um de reconhecimento de um sujeito e o outro de atribuição de um predicado ao sujeito. Para Kuroda (1972), todavia, há na verdade dois tipos de juízos: o juízo categórico e o juízo tético. O primeiro tem dois atos cognitivos, mas o segundo tem apenas um ato cognitivo, de descrever um estado ou evento, sem singularizar um sujeito⁴.

⁴ No japonês uma sentença categórica tem um DP marcado *-wa*, enquanto a sentença tética tem um nominativo marcado com *-ga*.

O que temos em (16) e (17) são dois tipos de juízos. As formas em a. são juízos téticos enquanto as formas em b. são do tipo categórico.

Para Martins (1994) as sentenças téticas no PE têm a ordem SV enquanto as categóricas têm a ordem VS. Kato (1988) mostra que com a perda da ordem VS no PB, só com verbos inacusativos temos essa distinção. Com os demais tipos de verbo a ordem é indistintamente SV no PB

- (18) Q: *O que houve?*
 A: *Chegou o avião das 10.* (sentença tética) PE PB
- (19) Q: *E o Paulo?*
 A: *O Paulo acabou de chegar.* (sentença categórica) PE PB
- (20) Q: *Que foi?*
 A1: *O Pedro viajou.* (sentença tética) PB
- (21) Q: *E o Pedro?*
 A1. : *O Pedro acaba de viajar.* (sentença categórica) PE PB

Britto (2000) propõe ainda que a perda de VS no PB levou a representar sentenças categóricas como estruturas de redobro na fala, já que as téticas teriam também a ordem SV:

- (22) Q: *E o Pedro?*
 A1: **O Pedro** *acabou de telefonar.* (categórica: PE)
 A2: **O Pedro**, *ele acabou de telefonar.* (categórica: PB)

Pode-se pressupor, então, que as formas com o expletivo nulo continuariam a permanecer como estruturas téticas no PB e as formas com alçamento seriam inovações no domínio das sentenças categóricas juntamente com as estruturas de redobro.

3.3. A derivação de estruturas de redobro

Clíticos podem aparecer em construções de deslocamento à esquerda (CLLD). Essas construções são pressupostas dentro da análise de Kayne (2001) com o clítico aparecendo no início da derivação junto com o DP associado em um “Big DP”:

- (23) a. *Le doy un libro a Juan.* (Clitic doubling: CLDOUBL)
 b. *A Juan le doy un libro.* (Clitic left Dislocation: CLLD)
- (24) a. *Doy un libro [Juan le]*
 b. *[Juan le]_i doy un libro t_i*
 c. *Juan_j [t_j le]_i doy un libro t_i*
 d. *a Juan_j [t_j le]_i doy un libro t_i* CLLD
 e. *[[t_j le]_i doy un libro t_j]_k a Juan t_k* CLDOUBL

3.4. Pronomes fracos nas estruturas de redobro

Desde a obra seminal de Cardinalletti e Starke (1994) vimos que as línguas dispõem de pronome fortes e pronomes fracos. Modificando um pouco a proposta desses autores, incluímos nos pronomes fracos sujeito três tipos: pronomes DP como no inglês, clíticos como no Fiorentino e Afixos como no espanhol:

- (25) a. Espanhol : afixo : $[_{TP} [-o \text{ habla}]_{T...}$
 b. Fiorentino: clítico : $[_{TP} [\text{te-parli}]_{T...}$
 c. Inglês: DP: $[_{TP} I [\text{ speak}]_{T...}$

Vamos considerar que o PE seja igual ao espanhol, enquanto o PB falado é como o Fiorentino, já que o paradigma dos pronomes sujeitos contam com pronomes fracos tipo clíticos (cf. Nunes 1990):

- (26) a. *Ô-vou*
 b. *cê-vai*
 c. *ei-vai*

Abaixo teríamos o paradigma dos pronomes fracos do PE e do PB:

Tabela 2: Pronomes fracos no PE e no PB

Pronomes fracos no PE					Pronomes fracos no PB			
Nomin. Sufixo	Acus. clítico	Dat. clítico	Poss. NP/DP		Nomin. clítico	Accus. clítico	Dat. Clítico	Poss. NP/DP
-o	me	me	meu		o-	me	me	meu
-s	te	te	teu		cê-	te	te	teu/seu
- Ø	o/lo	lhe	seu		ei-	Ø	Ø	Ø

Na escrita do PB pronomes fortes e fracos aparecem grafados como fortes.⁵ Mas na fala a distribuição fica clara nas estruturas de redobro:

- (27) a. *Cê tá louco!* PB
 b. *Você, cê tá louco!* PB
 c. **Cê, cê tá louco.* PB
 d. **Cê, você tá louco.* PB

⁵ Foi esse o motivo que levou Kato (1999) a achar que os pronomes fracos sujeitos do PB eram do tipo do inglês e do alemão: livres. As estruturas de redobro nos mostram, contudo, que nossos pronomes fracos sujeito são clíticos.

Nem todas as línguas têm o pronome forte na forma nominativa:

- (28) a. Me, I love the Beatles.
 b. Moi, j’áime les Beatles.

3.5. A análise das estruturas de redobro no PB

Adotamos aqui a proposta de redobro (Clitic Doubling) de Kayne , partindo da derivação de um “Big DP” e usando a teoria de movimento por cópia (Nunes 2004).

(29) **O Pedro, [ei]** acaba de ligar.

(30) a. [_{VP} [ei- o Pedro]_{DP} acaba de ligar]

-subida do verbo para T e alçamento do clítico **ei** para adjunção a T, onde tem caso nominativo e concordância checados

b. [_{TP} [ei_i-acaba]_T [_{VP} [ei_i- o Pedro] acaba_v de ligar]

- alçamento de *o Pedro* para Spec,T, para checar o traço D de T (EPP)

c. [_{TP} o Pedro_j [ei_i- acaba]_T [_{VP} ei_i- o Pedro_i] acaba_v de ligar]

FF: d. [_{TP} o Pedro [_i ei_i-acaba]_T [_{VP} ei_i-o Pedro_j] acaba_v de ligar]

4. ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO-SUJEITO

As construções de tópico-sujeito, assim como as de redobro do sujeito, são sentenças categóricas e não constituem “doublets” das sentenças com expletivo nulo, que são téticas.

As construções de tópico-sujeito são evoluções a partir de Deslocamento Clítico à Esquerda (CLLD), ou de DE (Deslocamento à Esquerda), que também são sentenças categóricas.

A mudança de CLLD para construções de tópico-sujeito tiveram o seu “trigger” na mudança morfológica no paradigma dos pronomes fracos. O clítico locativo *hi* do Português Antigo e Medieval foi o primeiro a zerar, até mesmo no PE⁶:

(31)	PE				PB			
	Acus.	Dat.	Poss.	Locat.	Acus	Dat	Poss	Locat
	me	me	meu		me	me	meu	
	te	te	teu		te	te	teu	
	o/lo	lhe	seu/Ø	Ø	Ø	Ø	seu/Ø	Ø

Vejamos primeiramente a derivação de construções de CLLD comum até o século XIX e existentes ainda no PE.

⁶ O possessivo [-animado] é nulo.

- CLLD a partir de dativo

(32) *Ao meu time faltou-lhe sorte.* PE

A derivação de um CLLD se inicia com o constituinte deslocado e o clítico formando um “big DP” :

- (33) a. [o meu time lhe]_{DP} *compondo o VP*
 b. [_{VP} faltou sorte [o meu time lhe]_{DP}] *subida do verbo para T*
 c. faltou [_{VP} faltou sorte [o meu time lhe]_{DP}] *clitic climbing*
 d. faltou-lhe [_{VP} faltou sorte [o meu time lhe]_{DP}] *EPP (inserção do Ø_{expl})*
 e. [Ø_{expl} faltou-lhe [_{VP} faltou sorte [o meu time lhe]_{DP}]_{TP} *topicalização*
 f. [_{TopP} o meu time [Ø_{expl} faltou-lhe [_{VP} faltou sorte [ao meu time lhe]_{DP}]
inserção de preposição
 g. [_{TopP} ao meu time [Ø_{expl} faltou-lhe [_{VP} faltou sorte [o meu time lhe]_{DP}]
 FF: g. [_{TopP} ao meu time [Ø_{expl} faltou-lhe [_{VP} ~~faltou~~ sorte [o meu time lhe]_{DP}]

Vejam agora a derivação de uma estrutura de tópic-sujeito.

(34) *O meu time faltou sorte.* PB

A derivação de uma construção de tópico-sujeito como (33) começa com o sujeito/tópico nascendo também no interior de um “Big DP”, porém associado a um clítico nulo, sem caso (v. Tabela 2);

O associado do clítico nulo se move para Spec,T, onde ele checa nominativo e concordância (os traços-phi e o traço D).

- (35) a. [o meu time Ø] *derivação do VP*
 b. [_{VP} faltou sorte [o meu time Ø]_{DP}] *subida do verbo para T*
 c. faltou [_{VP} faltou sorte [o meu time Ø]_{DP}] *clitic-climbing*
 d. Ø-faltou [_{VP} faltou sorte [o meu time Ø]_{DP}] *EPP*
 e. [_{TP} o meu time Ø-faltou [_{VP} faltou sorte [o meu time Ø]_{DP}]
 FF: f. [_{TP} o meu time Ø-faltou [_{VP} ~~faltou~~ sorte [o meu time]_{DP}]

- A derivação de um tópic-sujeito a partir de um possessivo:

(36) *O Hamilton furou um pneu.*

- (37) a. [o Hamilton Ø]
 b. furou um pneu [o Hamilton Ø] *subida do possessivo*
 c. furou um Ø-pneu [o Hamilton Ø] *EPP*
 d. [_{TP} O Hamilton furou um Ø-pneu [o Hamilton Ø]]

Para derivar o CLLD a partir do genitivo *seu*, em lugar de EPP, *o Hamilton* sobe para a posição deslocada e pode opcionalmente receber a preposição *de*.

(38) (D) *o Hamilton, furou um pneu seu.*

- Deslocamento ou tópico/sujeito a partir do locativo nulo (hi): (PE e PB)

No PA quando um PP aparecia como locativo, ele era frequentemente redobrado pelo clítico locativo *hi* (Castilho 2007)

(39) a. e que **estava** [*hy na corte*] hũu filho dessa dona Timbor.
b. [*enna corte*] [*hi estava*] Dom Galaaz.

Vamos assumir que no PE e PB modernos temos ainda um clítico nulo locativo que pode aparecer também em estruturas de redobro.

(40) a. Chove [(hi) em São Paulo]
b. ((Em) São Paulo, (hi) chove.

A sentença seguinte, possível em PE e PB é ambígua entre as estruturas de Deslocamento, sem preposição, e a de tópico/sujeito.

(41) São Paulo chove.

Minha proposta é que, enquanto no PE temos *São Paulo* deslocado, no PB temos um tópico sujeito em Spec,T. A confirmação dessa conjectura está na sentença (42), possível em PB, mas não em PE.

(42) a. *Essas florestas chovem muito.* PB *PE
b. *(N)essas florestas chove muito.* PE PB

5. CONCLUSÕES

- As construções de tópico-sujeito no PB, inexistentes no PE, evoluíram das sentenças categóricas de CLLD do português do século XIX, tendo tido como gatilho a mudança morfológica no sistema de clíticos e pronomes possessivos, confirmando a conjectura na linha de Borer-Chomsky⁷, de atribuir às distinções morfológicas as mudanças de parâmetro.
- Embora o PB venha perdendo o sujeito nulo, não há previsão, na minha análise, de sentenças com expletivo nulo desaparecerem, já que elas não competem como “doublets” das sentenças com tópico-sujeito.
- Assumindo que os clíticos nulos não têm caso, seus associados podem se mover para posições onde recebem/ checam nominativo, a saber,

⁷ É a linha que atribui a variação paramétrica a itens lexicais, ou à morfologia, proposta primeiro em Borer (1984) e depois assumida em Chomsky (1995).

Spec,T ou na periferia à esquerda, onde podem receber caso de uma preposição ou receber o caso nominativo ‘default’.

- O clítico locativo, embora desaparecido desde o português clássico, ainda tem presença nas derivações de sentenças com tópico-sujeito e nas de deslocamento clítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE BERLINCK, R. (1989). *La Positton du Sujet en Portugais: étude classes*. In: van Riemsdijk (org.). *Clitics in the Languages of Europe*. Walter de Gruyter.
- BORER, H. (1984). *Parametric Syntax: Case studies in Semitic and Romance languages*. Dordrecht: Foris.
- BRITTO, H. (2000). Syntactic codification of categorical and thetic judgments in Brazilian Portuguese. In: M. A. Kato & E. V. Negrão (orgs.). 195-223.
- CASTILHO, C. M. M. (2007). A saga do locativo *hi* redobrado no português medieval. In: A.T. de Castilho, M. A. Torres-Moraes, R. E. V. Lopes & S. M. L. Cyrino (orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Ed. Pontes/ FAPESP.
- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (2005). Three factors in language design. *Linguistic Inquiry*, 36, 1-23.
- CYRINO, S. M. L. (1993). Observações sobre a mudança diacônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: I. Roberts e M. A. Kato (orgs.). 163-84.
- CYRINO, S. M. L., DUARTE, M. E. L. e KATO, M. A. (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: M. A. Kato & E. V. Negrão (orgs.). 55-104.
- DUARTE, M. E. L. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: I. Roberts e M. A. Kato (orgs.). 107-128.
- DUARTE, M. E. L. (1995). A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro. Campinas, 1995. Tese (doutorado em Linguística), Unicamp.
- KATO, M. A. (1989). Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe?“. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (17), 109-131.
- KATO, M. A. (1999). Strong and Weak Pronominals and the Null Subject Parameter. *Probus*, 11, 1, 1999, 1-31.
- KATO, M. A. (2012). O Português são dois...ou três?. In T. Lobo, Z. Carneiro, S. Ribeiro, J. Soledade, A. Alemida (orgs). *ROSAE -Linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. 114-131. Salvador: EDUFBA. 2012.
- KATO, M. A. e DUARTE, M. E. L. (2005). (Micro)parametric variation between European (EP) and Brazilian Portuguese (BP): similarities and differences with ongoing changes in Latin American Spanish. Comunicação apresentada no *XIV Congresso Internacional da Alfal (Workshop: I România Nova)*. Monterrey.

- KATO, M. A. e DUARTE, M. E. L. (2008). Mudança paramétrica e orientação para o discurso. Trabalho apresentado no *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga.
- KATO, M. A. e DUARTE, M. E. L. (2014). A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no Português Brasileiro. *Sociodialeto*, vol 4, Edição 12, 153-177.
- KATO M. A., DUARTE, M. E. L., CYRINO, SONIA e BERLINCK, ROSANE de A. (2006). Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: S. A. M. Cardoso, J. A. Mota, R. V. Mattos e Silva (orgs.). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador, Fundo de Cultura da Bahia. 413-438.
- KATO, M. A. e NEGRÃO, E. V. (2000). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert/Iberoamericana.
- KATO, M. A. e RAPOSO. E. (1996). European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In C. Parodi, A. C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (orgs.). *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown U. Press, 267-277.
- KATO, M. A. e RAPOSO. E. (2007). Topicalization in European and Brazilian Portuguese. In: Camacho, J. et al. (orgs.). *Romance Linguistics: Selected Papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 213-26.
- KATO, M. A. e TARALLO, F. (2003). The Loss of vs syntax in Brazilian Portuguese. In: B. SCHLIEBE-LANGE, KOCH, I., JUNGBLUTH, K. (orgs.). *Dialogue between Schools: Sociolinguistics, Conversational Analysis and Generative Theory in Brazil*. Munique: Nodus Publicationen, Klaus D. Ditz, 101-29.
- KAYNE, R. (1989). Null subjects and clitic climbing. In: O. Jaeggli e K. Safir (orgs.). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer. 239-61.
- KAYNE, R. (2001). Pronouns and their antecedents. In S. Epstein and D. Seely (orgs.). *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*, Malden, Mass: Blackwell. 133-66.
- KISS, K. (1995). *Discourse Configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- KROCH, A. (1994). Morphosyntactic variation. In: Beals et al (orgs.). *Proceedings of the Thirtieth Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Vol 2 . 180-201.
- KURODA, Y. (1972). The concept of Subject in Grammar. In: SHBATANI, M. (ed.). *Syntax and Semantics: Japanese Generative Grammar*. Nova York: Academic Press, 1-16.
- LI, C. N. e THOMPSON, S. (1976). Subject and Topic: A New Typology of Language. In: LI, C. N. (org.). *Subject and Topic*. Nova York: Academic Press Inc. 457-490.
- MARTINS, A. M. (1994). *Clíticos na História do Português*. Universidade de Lisboa: Tese de Doutorado.
- MIYAGAWA, S. (2007). Unifying agreement and agreement-less languages. *Proceedings of WAFL2*, pp. 47-66. *MIT Working Papers in Linguistics*, 54.
- MIYAGAWA, S. (2010). Why agree? Why move? Unifying agreement-based and discourse configurational languages. *Linguistic Inquiry Monograph* 54, MIT Press.

- NAVES, R. R., PILATI, E. S. e SALLES, H. (2013). The properties of INFL in the context of parametric variation between PB and PE: and analysis in terms of feature inheritance from C to T. Trabalho apresentado no *IV Workshop Romania Nova (VIII Congresso Internacional da ABRALIN)*, Natal.
- NEGRÃO, E. V. (1999). *O Português brasileiro: Uma língua voltada para o discurso*. USP: Tese de Livre-docência.
- NUNES, J. (1990). *Nominative pronouns reduction in Brazilian Portuguese*. University of Maryland. Ms.
- NUNES, J. (2004). *Linearization of chains and Sideward Movement*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- PAGOTTO, E. (1993). Clíticos, mudança e seleção natural. In: I. Roberts e M. A. Kato (orgs.). 185-206.
- PONTES, E. (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- ROBERTS, I. e KATO, M. A. (1993). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora de UNICAMP.
- TORIBIO, J. (1996). Dialectal variation in the licensing of null referential and expletive subjects. In: C. Parodi, C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (orgs.). *Aspects of Romance Linguistics*. Washington, DC: Georgetown University Press. 409-32.